

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES**

**INDISCIPLINA ESCOLAR**

**Aluna: Ivone Maria Simonato**

**Orientadora: Ida Hammerschmidt**

**Toledo, fevereiro de 2010.**

## RESUMO

O presente trabalho apresenta alguns resultados de uma pesquisa, que objetiva através de pesquisa, reuniões com pais, alunos e professores detectar e analisar algumas das causas que levam os alunos à indisciplina, à falta de motivação, desinteresse, pouca participação nas aulas e desrespeito com os professores. Problemas estes que vem afetando de maneira acentuada o trabalho pedagógico no Colégio Estadual Jardim Europa do Ensino Fundamental de quinta a oitava série no município de Toledo. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, e os instrumentos utilizados foram questionários para professores, alunos e pais. Os resultados desta pesquisa proporcionaram, aos professores, uma reflexão sobre as abordagens metodológicas utilizadas em seu trabalho, assim como uma análise sobre a realidade de cada turma, oferecendo condições para que o professor selecione estas abordagens de forma que o trabalho se torne mais produtivo, minimizando, assim, os problemas disciplinares. Também possibilitou ao professor refletir melhor sobre seu papel diante a aprendizagem no ambiente escolar, para que esta ocorra num clima de participação e harmonia, propondo também estratégias que possam auxiliá-lo no desenvolvimento das ações docentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Disciplina, metodologia, aprendizagem.

## I-INTRODUÇÃO

Neste artigo procurarei analisar as dificuldades que vivencio no cotidiano escolar a respeito da indisciplina.

Muitas vezes me senti incapaz de trabalhar dentro da metodologia sugerida no PPP do colégio Estadual Jardim Europa e no Plano Curricular, pois, em sala de aula trabalha-se com alunos que não conseguem se concentrar, ouvir ou permanecer alguns instantes em silêncio.

Na escola os educadores tem demonstrado amargura por não conseguirem resolver o problema da indisciplina, por não poder contar com a ajuda de algumas família, muitas desculpas e o filho fica na mão do mundo. A atitude de alguns pais empiricamente demonstra que acreditam que os professores precisam resolver ou a justiça os seus problemas familiares. Atitudes como estas entre tantas outras vivenciadas no cotidiano escolar tem deixado os professores sem saber como

reagir porque também não dominam com segurança as normas da escola e a relação entre alunos e professores.

Estudos sobre as causas da indisciplina realizados nos anos 90 comprovam que a questão da indisciplina em sala de aula, acoplada à ausência de motivação, são fatores que interferem no processo de aprendizagem.

As causas para a indisciplina podem ter origem externa ou interna à escola. As causas externas podem ser vistas pela influência dos meios de comunicação, na violência social e no ambiente familiar.” O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de valores, a desarmonia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores pode também estar na raiz do problema.” ( R. Paran, desv. Curitiba. Nº 95 jan. abril, p.101-108)

Algumas das causas internas, da indisciplina na escola, podem ser observadas no ambiente escolar manifestada nas condições do processo de ensino-aprendizagem, na relação professor/aluno, no perfil dos alunos e na capacidade que eles têm de se adaptar as normas da escola. A falta de motivação no aluno, a ausência de regras que permita uma distribuição eqüitativa da comunicação, a falta de respeito às fases do desenvolvimento das crianças e a falta de autoridade do professor podem ser algumas das principais causas geradoras da indisciplina.

Observei que a sala onde o professor faz cumprir as normas estabelecidas pela escola ou as normas que ele criou junto com a turma os alunos apresentam um comportamento mais flexível, tanto na relação com o professor como com os seus colegas.

O que observei muito nas visitas nas salas de aula é a falta de autoridade por parte do professor e os alunos dominando-os com falta de respeito.

Diante das observações feitas com as turmas de 5ª séries, não podemos deixar de questionar sobre os problemas implícitos que os configuram na escola: Quais são as regras ou normas (explícitas e implícitas) do cotidiano da sala de aula? Essas normas estão claras no regimento escolar, estudadas e discutidas com todos os alunos do Colégio para dar sentido ao que se exige como cumprimento das mesmas. Assim só serão respeitadas se juntos professores, alunos e direção analisarem e chegarem a um consenso de prática no cotidiano

do Colégio. O professor como profissional, deverá reunir um conjunto de competências que o levam a elaborar conceitos e aplicá-los. O professor saberá identificar o problema, apresentá-lo e encontrar uma solução? (Regimento do Colégio, 2006). De que forma os alunos e professores participam da produção e se apropriam desses conhecimentos? Participando dos encontros para discussão e juntos analisar o que é melhor para o progresso e inteiração da turma orientando-os para o convívio na escola, na família e na sociedade, uma vez que não se faz o que se pensa. Esse convívio está diretamente ligado ao aproveitamento da aprendizagem do aluno e no trabalho pedagógico do professor que surtirá efeito na qualidade do desempenho didático. Essas são questões que nos fazem refletir sobre o teor, a forma e o contexto que se apresentam leis e regras são produzidas e disseminadas na sociedade como um todo, principalmente no cotidiano da relação professor-aluno.

“O que acontece atualmente em grande parte das escolas pública brasileiras, é a massificação das camadas populares, mostrando que os pais não entendem que o papel da escola é orientar o aluno para a aquisição do conhecimento científico e preparando-os para saber enfrentar com clareza o futuro tanto no prosseguimento dos estudos como no trabalho, e que os professores não foram preparados para atender esse tipo de aluno que não aceita normas, e que a escola também não recebeu instruções adequadas para trabalhar com essa nova geração de alunos”. (Rego, 1996, p.98)

Nas escolas, a prática revela, que tem sido destinado, aos docentes, a dura tarefa de enfrentar o desafio da indisciplina. O professor quase que sozinho, se debruça a resolver a problemática, quando se sabe que as situações de indisciplina não podem ser resolvidas isoladamente, uma vez que elas requerem uma decisão com todos os envolvidos no processo de formação do educando.

Observa-se que a sociedade vive em constante transformação e o educando sofre influencia dessa sociedade na qual está inserido, e a escola não evoluiu como deveria no espaço e no tempo. E assim, professores e alunos sentem-se perdidos, nesse turbilhão de modificações, por isso é evidente que as conseqüências sejam caóticas, o que contribui excessivamente para a indisciplina em sala de aula.

Pretende-se ouvir dos pais e professores qual seria a melhor metodologia para enfrentar essa situação nas escolas, já que o problema não é só da escola, mas de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O desafio é tentar compreender e encontrar alguma solução para melhorar o convívio diário na escola.

O objetivo da intervenção foi analisar as causas da indisciplina na aprendizagem dos alunos e através de atividades diversificadas, ouvindo e dialogando com os alunos sobre assuntos do seu interesse.

A intenção é a de contribuir e oportunizar aos sujeitos ativos que fazem a escola, a engajar-se nessa proposta de enfrentamento do problema da indisciplina, buscando a conscientização e reflexão, de maneira que se possa construir algo diferente a partir do interesse dos alunos.

A pesquisa realizada de cunho qualitativo pôde analisar concretamente a vivência dos alunos junto às famílias e em sala de aula, pois durante um ano estive acompanhando os mesmos de perto sobre suas atitudes, comportamentos e relacionamentos com os pais e professores. Pude observar que muitos pais não são comprometidos com a educação dos filhos deixando para os outros a responsabilidades que são suas. Na sala de aula percebi que são desatentos que não tem estímulos para estudar que estão ali por uma obrigação.

Diante destes fatos reais a escola não tem ações para desenvolver um trabalho que recupere esta falta de sentimentos e carinhos ausentes nos alunos por isso sua proposta pedagógica não dar certo.

## **II-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os sentimentos emocionais que os alunos demonstram na escola e sentem falta deles a escola não tem como repor, pois ali é o lugar do aluno se entrosar com o conhecimento científico abrindo caminhos para a vida futura.

A problemática da indisciplina em sala de aula atualmente vem ocupando cada vez mais lugar de destaque no interior das escolas brasileiras. Vários fatores podem contribuir para que a indisciplina ocorra, por exemplo a falta de limites da família, pois boa parte dos pais hoje têm dificuldade de educar seus filhos. E, em muitos casos, a falta de estrutura familiar, pois as crianças (ou adolescentes)

vivem em total condição de miséria, ficando à mercê da escola toda a responsabilidade com a educação dos alunos.

O que acontece atualmente em grande parte das escolas públicas brasileiras, com a massificação das camadas populares nas escolas, mostra que boa parte dos pais não entende o papel da escola, e também professores que não foram preparados para atender essa realidade.

Nesse caso, cabe ao docente a dura tarefa de enfrentar o desafio quase que sozinho, quando se sabe que as situações pedagógicas não podem ser resolvidas isoladamente, uma vez que elas requerem uma decisão com todos os envolvidos no processo de formação do educando.

Enquanto isso, a indisciplina em sala de aula ocupa lugar de destaque, e o professor perde a maior parte do tempo que deveria ser dedicado às atividades pedagógicas, tentando buscar saída para o dilema que se alarma a cada dia, sem solução.

O professor, diante deste contexto de indisciplina desenfreada, tenta a todo custo descobrir meios para minimizar a problemática sem muito sucesso. Primeiro, porque a escola não está preparada para atender a esse tipo de aluno, que não aceita as regras no interior das escolas que já estão ultrapassadas, sem nenhuma adequação aos interesses dos jovens de hoje. Em segundo lugar, o mundo lá fora está cheio de atrativos, portanto revelam que alguns adolescentes preferem buscar a diversão a ficarem sentados durante quatro horas em sala de aula.

Observa-se que, a sociedade vive em constante transformação, o educando sofre influência dessa sociedade na qual está inserido, e influencia também, mas a escola não evoluiu como deveria no mesmo espaço de tempo. E assim, professores e alunos sentem-se perdidos, nesse turbilhão de modificações, por isso é evidente que as conseqüências sejam caóticas, o que contribui excessivamente para o fracasso escolar, além disso, transparecendo na forma de indisciplina em sala de aula.

Ao contrário do que muita gente prega nos discursos, que a indisciplina é conseqüência dos devaneios de professor, as coisas no interior das salas de aula não se realizam dessa forma. Existem educadores preocupados em proporcionar uma educação de qualidade para seus alunos, mas o professor sozinho não consegue resolver os problemas, que, aliás, não são poucos, por isso, só tem

condições de avaliar a verdadeira situação quem realmente está envolvido no processo, conforme observei o desempenho dos alunos na sala de aula durante o ano de 2007.

Desse modo, e com base na observação e nos depoimentos de professores no campo de pesquisa, fica evidenciado que a questão da indisciplina tem sido um dos fatores que mais contribui para o baixo rendimento em sala de aula. Em virtude desse fato, surgiu a necessidade de uma intervenção pedagógica na escola, como a organização de salas de recurso e de recuperação para ajudar a melhorar a aprendizagem.

As modificações por que passa a sociedade, exigem dos educadores um trabalho de desvelamento da realidade social, para melhor compreendê-la, de forma a adotar práticas educativas transformadoras.

A escola compreende ser necessário o resgate de um ensino de boa qualidade para os alunos, a fim de que possam apropriar-se do saber universal, dentro de uma visão crítica.

É no sentido de desvelar o homem que o projeto busca uma pedagogia engajada a uma concepção de sociedade e política social. Dando condições para que as crianças e adolescentes possam conhecer, apreender, construir e interiorizar valores e posturas consideradas corretas pela nossa cultura e desenvolver mecanismos de controle de suas condutas. Desse modo, acredita-se que a busca de uma nova abordagem de intervenção pedagógica possa iluminar saídas para a minimização da problemática da indisciplina.

## **2.1. A educação como instrumento de formação da cidadania**

Focalizar a educação como instrumento de formação da cidadania, através do trabalho desenvolvido na escola pública, tendo a clareza, de que a escola sozinha não dá conta da tarefa de formar o cidadão, uma vez que a formação da cidadania vai além de seus muros, ela é forjada no dia-a-dia das relações dos indivíduos e no conjunto das organizações da sociedade.

O principal objetivo desse estudo é, portanto, descrever como a escola pode contribuir para, melhorar a indisciplina existente dentro dela e a falta de limites que os alunos apresentam em sala de aula.

Nesse entendimento, a formação desses sujeitos deve possibilitar, além da apropriação dos conhecimentos básicos, dentro de um contexto histórico e político dos direitos humanos e da cidadania, a mudança de valores, atitudes e posturas. Essa formação compreende a apreensão de uma nova cultura como se perceba, bem como perceber o aluno e os demais integrantes do trabalho escolar, como sujeito e cidadãos, e vejam a escola como espaço de exercício permanente na construção coletiva da cidadania.

A escola principalmente a sala de aula são espaços em que se concretizam as definições sobre a política e o planejamento que as sociedades estabelecem para si próprias, como projeto ou modelo educativo que se tenta pôr em ação. Sendo a política educacional parte de uma totalidade maior, deve-se pensá-la sempre em sua articulação com o planejamento mais global que a sociedade constrói como seu projeto e que se realiza por meio da ação da Estado (AZEVEDO, 1997, p. 59-60).

Analisar a escola enquanto "lócus" de formação da cidadania democrática, à luz de uma determinada política educacional, requer a explicação dos conceitos básicos que orientam este trabalho.

Neste trabalho, assumimos o conceito de direitos humanos a partir do pressuposto do direito à vida, condição primeira, sem a qual deixam de existir os outros direitos, e do reconhecimento da dignidade intrínseca ao ser humano. É os direitos fundamentais a toda pessoa, sem distinção de etnia (raça), opção sexual, credo religioso, opinião política, sexo, nível de instrução, posição socioeconômico, julgamento moral ou nacionalidade. E a cidadania, na perspectiva democrática, é a materialização dos direitos legalmente reconhecidos e garantidos pelo Estado, que inclui o exercício da participação política e o acesso aos bens materiais. É, também, a condição de participar de uma comunidade com valores e história comum, a qual permite aos indivíduos uma identidade coletiva. É na verdade, o pleno exercício do direito.

Para que a escola possa desenvolver um trabalho nesta perspectiva, faz-se necessária a construção de um projeto pedagógico, democrático e participativo, em que a formação do sujeito possa ser assumida coletivamente. E desenvolver na prática diária, através da apreensão dos conteúdos curriculares e na vivência do exercício da cidadania.

A partir desses pressupostos, optei por desenvolver um estudo sobre a indisciplina, com uma abordagem qualitativa, para a investigação do objeto em

estudo. O trabalho foi realizado no Colégio Estadual Jardim Europa. Para a coleta dos dados utilizei os instrumentos: observação, questionário entrevista com o diretor, professores, alunos e pais do Colégio. A coleta de dados foi realizada no período do 2º semestre do ano de 2008.

## **2.2. Possíveis fatores que contribuem para a indisciplina no contexto escolar**

A indisciplina na escola está na ordem do dia. as preocupações de professores, pais e educadores em geral, relativos aos comportamentos escolares dos alunos, têm sido consideráveis nos últimos anos. Constata-se que no contexto educativo, a indisciplina contribui para a exclusão escolar, gerando um problema social grave. Para Aquino (1996, p. 40), "embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida".

O papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

É necessário que entre os pares estabeleça-se a forma de comunicação para que a aprendizagem significativa ocorra realmente. Vasconcellos (2003) diz que:

O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento "pronto", sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender. Em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos. (VASCONCELLOS, 2003, p. 58)

### **2.3. A organização das famílias e a indisciplina escolar**

A origem social dos alunos tem sido a causa mais usada para justificar os piores resultados, sobretudo quando são obtidos por alunos originários de famílias de baixos recursos econômicos, onde aliás se encontra a maior percentagem de insucessos escolares.

Os sociólogos construíram a partir desta relação causa-efeito uma verdadeira panóplia determinante social que permitem explicar quase tudo.

Nas famílias desfavorecidas, por exemplo, os pais tendem a ser mais autoritários, desenvolvendo nos filhos normas rígidas de obediência sem discussão. Ora, quando estes chegam à adolescência revelam-se pior preparados para enfrentarem as crises de identidade-identificação, na afirmação da sua independência. A sua instabilidade emocional torna-se mais profunda, traduzindo a ausência de modelos e valores estáveis, levando-os a não investir na escola.

Os alunos oriundos destas famílias raramente são motivados pelos pais para prosseguirem os seus estudos; pelo contrário, ao menor insucesso, estes colocam logo a questão da saída da escola, o que explica as mais elevadas taxas de abandono por destes alunos.

A linguagem que estes alunos obrigados a utilizar nos níveis mais elevados de ensino, sendo cada vez mais afastada da que utilizavam no seu meio familiar, aumenta-lhes progressivamente as suas dificuldades de compreensão e integração, levando-os a desinteressarem-se pela escola. Para prosseguirem nos estudos são obrigados a renunciarem à linguagem utilizada no seio familiar.

A demissão dos pais da educação dos filhos, é hoje uma das causas mais freqüente. Envolvidos por inúmeras solicitações cotidianas, muitas vezes nem tempo tem para si próprios, quanto mais para se dedicarem à educação dos filhos. Quando se dirigem as escolas, raramente é para colaborar com as mesmas nos problemas que se apresenta, se colocam na atitude de meros compradores de serviço, exigindo eficiência e pouco incômodos na sua colaboração de ajuda.

As relações e processos educativos tradicionais da família são, hoje, significativamente afetados pelo impacto de nosso modelo de sociedade industrial. As condições trabalho e transporte, os salários baixos, os riscos de desemprego, geram uma dispersão da família, mantendo os pais afastados dos

filhos e dificultando o processo de educação familiar. A convivência dos pais resulta precária, e mais precária ainda o acompanhamento na educação dos filhos.

Por causa disso, nosso modelo de sociedade agrava o problema do menor abandonado, da mendicância, da prostituição e da violência, especialmente juvenil.

As migrações desordenadas, com suas múltiplas causas, deslocam a família de seu ambiente original, provocando conflitos e desenraizamento cultural, que repercutem no processo educacional. O mesmo acontece aos inúmeros jovens que se afastam da família, a fim de buscarem melhores condições de escolarização e trabalho.

A pessoa, a família, e o pequeno grupo social, esfacelados e isolados no seio da sociedade, vêem reduzidos a poucas alternativas válidas suas oportunidades de educação, organização e participação.

A relação família: pais e filhos, mães e filhos são repletos de afetividade o que dificulta a visualização dos problemas e dificuldades de forma ampla, ou seja, para um pai é difícil entender que seu filho possa ter atitudes de desrespeito diante do professor, por exemplo. Assim, a agressividade, a birra, pode surgir dentro do ambiente familiar e são fatores que podem intensificar o aparecimento da indisciplina do aluno na escola. A interpretação psicanalítica utilizada na educação sugerindo que as dificuldades de aprendizagem estariam ligadas a problemas emocionais ou traumas vividos na infância, estaria tomando a educação dada aos filhos permissiva, pelo medo do uso do autoritarismo e com dificuldades para o estabelecimento de limites, normas ou mesmo valores individuais e coletivos (PERIN e CORDEIRO, 2002, 13-14). Ao se analisar mais detalhadamente esse aspecto entra em contato com uma multiplicidade de fatores que estão relacionados às mudanças da sociedade de forma geral.

A sociedade do séc. XXI vive um período de crise ética, que no Brasil está constantemente retratada principalmente no campo da política quando vêm à tona casos de corrupção, desvios de dinheiro público, má distribuição de renda e indiferença dos governantes à classe trabalhista, acentuando o desemprego e o subemprego. A crise econômica, o consumismo, a competição exacerbada no mercado de trabalho e os valores invertidos são os principais fatores de desagregação familiar. (PERIN e CORDEIRO, 2002, p.13-14)

Nesse sentido, quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, pode ser considerado como indisciplinados. Os pais são os principais educadores. Às vezes, fica meio confuso frente às atitudes dos filhos, e não sabem como agir, saber o que é correto ou não em determinados momentos, não querendo assumir uma posição autoritária acabam por permitir tudo com medo que o filho venha a sofrer algum trauma. Dessa forma, acabam tendo atitudes que não somente geram indisciplina, mas que são indisciplinadas por não fornecer subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar e social.

Observam-se crianças em que os pais não impõem nenhum tipo de limite identificamos crianças que são, geralmente, rejeitadas pelos colegas, pois não conseguem respeitar ninguém. Para que a criança saiba aceitar e respeitar os limites impostos pelos professores, colegas ou amigos com que convive, é preciso que ela tenha aprendido exercitar, desde o início de sua vida este tipo de comportamento em sua família. A permissividade agitada enquanto a criança é pequena, dificulta mais tarde, a retirada dessas concessões. A coerência na educação de uma criança precisa ser pensada, planejada por toda família.

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Evidencia-se uma confusão de papéis. Já principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral (AQUINO, 1998, 8).

#### **2.4. A importância dos limites na educação**

Sabe-se que para viver na sociedade é necessário haver limites. No dia-a-dia, é impossível que a criança tenha liberdade total, ilimitada. Considera-se que permitir tudo ou no extremo oposto, permitir tudo, são hábitos igualmente nocivos do ponto de vista educacional. Para estabelecer os limites em sala de aula (ou na escola), o educador vale-se das regras, que estão no regimento escolar que visam contribuir para a organização do ambiente de trabalho, promover a justiça, fomentar a responsabilidade por aquilo que ocorre na classe e o

comprometimento de todos com os procedimentos e decisões referentes à sala de aula. DeVries e Zan ,(1997. p. 130), explica que: "o objetivo geral de envolver as crianças em tomadas de decisões e o estabelecimento de regras em salas de aula é contribuir para o respeito mútuo nas quais professores e alunos praticam a auto-regulação e a cooperação". Em geral, as regras são acordos elaborados pelos integrantes do grupo que beneficiam a todos, ordenando as relações. As regras em qualquer situação têm que preservar e propiciar ao sujeito o respeito por si próprio e pelo outro.

A importância de limites é uma preocupação comum a todo o sistema educacional. Portanto pais, familiares, escola, comunidade e a sociedade de modo geral compartilham da responsabilidade pela educação dos jovens. Deve-se ter sempre em mente que quem educa a criança é o adulto, e, portanto o tipo de educação dado a criança vai depender do adulto Este adulto deverá ser seguro e confiante em si mesmo, certo de sua iniciativa e atitudes. Principalmente deverá amar a criança, procurando compreendê-la e aceitá-la sem exageros em suas exigências.

Em nosso dia-a-dia como educadores, encontramos constantemente alunos à espera que alguém lhe impõe limites. Algumas teorias da Psicologia defendem a idéia de que os alunos buscam estes limites para sentirem-se notados como indivíduos, procuram algum tipo de proibição que possam transgredir na tentativa de construir sua identidade.

Estas constatações levaram-me a analisar este artigo a importância de estabelecer limites no processo de educação formal para a formação da identidade do jovem.

A primeira refere-se a importância do educador na busca de identidade, pelo jovem através do estabelecimento de limites. A segunda destaca a responsabilidade dos pais, da escola, e da sociedade em geral no estabelecimento de limites disciplinares para os nossos jovens. E na terceira parte discute-se a relação entre o amor respeito e o estabelecimento de limites.

Busquei me aprofundar no assunto através de embasamento teórico, de minhas experiências pessoais, e da realização de entrevistas com profissionais da educação e com os próprios alunos. Todas essas oportunidades contribuíram para o enriquecimento desta produção que ora apresento.

Para o enriquecimento e um maior respaldo sobre estas conclusões as

quais cheguei, busquei a colaboração de alguns colegas professores que trabalham com as séries finais do ensino Fundamental, da rede estadual, através de questionamentos sobre as atitudes dos alunos na sala de aula. Nas respostas obtidas percebemos que os professores consideram de extrema importância o papel do professor educador no estabelecimento de limites.

## **2.5 - Indisciplina Ligada ao Descumprimento das Regras:**

"Toda moral é um sistema de regras e a essência de toda moralidade consiste no respeito que o indivíduo sente por tais regras"(PIAGET, 1977, P. 07).

Este trabalho possibilitará completar alguns aspectos como, entender, de forma mais oportuna, o processo de socialização que o sujeito se vê envolvido desde o nascimento, a incorporação das regras sociais. É através do processo de socialização que a criança começa a integrar-se ao mundo social, incorporá-lo em sua mente. Um dos objetivos mais importantes do processo de socialização consiste em que as crianças diferenciem o que é considerado correto e o que se julga incorreto em seu meio, ou seja, que elas construam conhecimentos sobre os valores morais que regem sua sociedade e se comportem de acordo com eles. Isto é conseguido através de um processo de construção e interiorização destes valores, processo que tende a favorecer o desenvolvimento dos mecanismos de controle reguladores da conduta da criança. Entretanto, nesse processo de socialização, de construção de normas e regras sociais, o sujeito não assume um papel passivo. PIAGET (1977) enfatiza que "a ação social só será eficaz se o sistema puder assimilá-la e reconstruí-la internamente".

Nesse sentido, Piaget interessou-se em investigar como as crianças raciocinam sobre questões morais. O que levam em consideração para julgar entre o bem e o mal? Como o sujeito incorpora todo esse estatuto moral que lhe permitirá viver e interagir na esfera social? E, principalmente, como reconstrói o conhecimento transmitido pelo social, transformando-o em alicerce para suas ações, julgamento?

O livro desse autor "O julgamento moral na criança" (1977), constitui-se uma referencia nesse tema. Esse livro teve um destino peculiar (LA TAILLIU, 1992). Permaneceria uma referencia isolado dentro da obra deste autor, pois este

nunca mais voltaria ao tema, a não ser em artigos compilados e publicados com o título "Estudos Sociológicos" (1973).

A posição defendida por Piaget é que o desenvolvimento moral não é um processo de internalização de normas sociais, mas a aquisição de princípios autônomos de justiça, resultantes da cooperação social, do respeito aos direitos dos outros e da solidariedade entre as crianças. De acordo com a hipótese piagetiana a moral depende do tipo de relação social que o indivíduo mantém com os demais e que existem tantos tipos de moral como de relações sociais.

Para Piaget (1977, p. 345) "a lógica é a moral do pensamento como a moral é a lógica da ação." Ambos são aspectos paralelos e indissociáveis de um mesmo processo geral de adaptação; têm suas raízes na ação e conduzem a formas de equilíbrio baseadas na reciprocidade; apresentam um primeiro momento egocêntrico, sustentado relações de pressão e respeito unilateral; alcançam o equilíbrio através de relações sociais igualitárias, única fonte de autêntica discussão e crítica. A descrição que o autor efetua de cada uma dessas fases do desenvolvimento moral está baseada tanto em aspectos sócio-cognitivos quanto em aspectos cognitivos. A moral cumpre com relação à afetividade e as relações sociais o mesmo papel que a lógica cumpre no pensamento: controlá-las em organização de equilíbrio superior.

Segundo Piaget (1977, p.342), "a sociedade é o conjunto das relações sociais". A criança aprende a respeitar as regras ou normas morais vivendo em sociedade. Considerando a hipótese de que existem tantos tipos de moral como de relações sociais, PIAGET a distingue em duas formas: a moral heterônoma, baseada na obediência: e a moral autônoma baseada na igualdade, admitindo que as relações com os companheiros são uma condição necessária para a autonomia. A relação com o adulto é fonte de respeito unilateral e heterônoma. Nesse tipo de relação a criança ocupa sempre o mesmo papel, o de quem deve obedecer, papel que dificilmente pode trocar com o adulto.

Outra contribuição interessante que Piaget explicita em sua obra, e que tem relação com essa passagem de uma moral heterogênea para autônoma, refere-se ao respeito que inicialmente dirige-se aos adultos com que a criança se relaciona (pais, educadores...) e, paulatinamente, é transmitido para aquelas normas que os modelos adultos lhe inculcam pelo exemplo vivido. Segundo o autor "o respeito é um sentimento em que temor

*e amor se conjugam" (PIAGET,1977, p.424).*

Por isso, para saber em que consiste o respeito à regra do ponto de vista da própria criança, Piaget, evitou fazer investigações sociais com a família, preferindo o jogo como recurso, pois se as regras que as crianças pequenas acatam são as elaborada pelos adultos, toma-se difícil separar o respeito que a criança sente por essas regras, do respeito que sente pelo adulto que as propõe. Em outras palavras, é difícil saber se a criança obedece à regra porque a considera justa ou porque foi emitida por pessoas na qual possui um vínculo afetivo.

Visto que as crianças relacionam um sentimento de dever com as ordens que recebem de pessoas respeitáveis, sem fazer maiores indagações sobre o sentido dessas ordens, Piaget (1977, p. 428, 433) referiu-se, com relação a esse estágio, de uma **"moral do dever"**. Para as crianças antes dos 6 até os 8 anos-de idade, é a coação parental!. A coação consiste, em primeiro lugar, em que a criança deve habituar-se à observação de certas regras e respeitar certas realidades, antes que aprenda a entender as razões disso.

Do respeito da primeira infância, "unilateral", Piaget distinguiu o "respeito recíproco". Consiste na capacidade de se colocar racionalmente no ponto de vista de outras pessoas. No jogo de bola de gude, crianças dessa idade observam seus competidores e ficam atentas para as regras utilizadas.

Piaget (1977, p. 435) define as normas morais **"como regras racional de acordo mútuo"**. Uma norma é boa quando satisfaz as "leis da reciprocidade" e para reconhecer se uma norma é boa, a criança "terá de colocar-se numa perspectiva que se harmonize com outras perspectivas.

A seqüência da heterônoma, de uma espécie de "moral do dever" para uma "moral do bem", que é uma moral da cooperação, do respeito mútuo, da consideração de direitos e deveres, confere ao desenvolvimento do juízo moral sua direção. Para Piaget, desenvolvimento significa o mesmo que progresso para o bem.

### III- O CONTEXTO, A METODOLOGIA DE PESQUISA E A ANÁLISE.

A pesquisa se insere no campo educacional e envolve 170 alunos que freqüentam a sala de aula de 5ª séries com idade entre 10 e 12 anos do período vespertino do Colégio Estadual Jardim Europa Município de Toledo Estado do Paraná, onde a indisciplina está muito presente no dia-a-dia dos alunos. Esse problema em estudo vem mostrando a preocupação dos pais, professor e dos próprios alunos em relação ao seu comportamento com a familiar, professores e o grupo de colegas.

Observação realizada durante um ano para verificar o comportamento e as atitudes dos alunos na sala de aula em casa, no pátio, na biblioteca escolar, pude concluir que realmente temos muito que fazer para melhorar estas atitudes, pois parece que já nasceu com eles estes gestos e que parece ser tudo real.

Questionário para a coleta de dados com os professores respondendo questões abertas que mostraram a insatisfação dos mesmos poder trabalhar ou não suas atividades em sala de aula respondendo a expectativa da família e dos alunos. O questionário tem como vantagem proporcionar um meio eficiente e rápido de coletar informações da população entrevistada.

Como instrumento para coleta de dados, junto aos alunos utilizou-se um questionário com questões fechadas. A finalidade da pesquisa com os estudantes sobre a indisciplina na escola, foi para buscar subsídios junto aos órgãos competentes para ajudá-los a encontrar caminhos possíveis de se viver melhor.

Sem pretender nem poder responder a todas as questões de modo cabal e completo no espaço deste trabalho, opta-se pela apresentação de alguns aspectos pertinentes e relevantes do tema estudado.

A realização das entrevistas, visava um contacto mais pessoal com os alunos professores, pais mostrando pelo que estes estavam identificados. Nas entrevistas observou-se de forma bastante clara a diferenciação entre os alunos mais ou menos problemáticos.

A caracterização dos alunos não está desvinculada da abordagem feita anteriormente, quando se destacou as características sociais, econômicas, políticas e culturais da comunidade, na qual estão inseridas as famílias ou mesmo os alunos que freqüentam a escola.

Os alunos freqüentam regularmente o Colégio abrangendo uma faixa etária que se estende dos 11 a 14 anos no período diurno e de 14 a 40 anos no período noturno.

A situação ocupacional dos alunos está vinculada a realidade familiar, que possui aspecto sócio econômico e cultural, carente financeiramente e afetivamente. Quando empregados submetem-se a uma baixa renda, pois são desprovidos de qualificação profissional, exercendo assim vários tipos de trabalhos informais para auxiliar na renda familiar ou até, muitas vezes sustentar a família.

Apesar das limitações, considero que a elaboração deste trabalho se tornou proveitosa, uma vez que me foram dados a conhecer aspectos novos sobre o tema tratado. Por certo irão influenciar, de forma positiva, no meu trabalho e dos que colaboraram para que se chegasse nas respostas que obtivemos nos casos de indisciplina, podemos ter também alguns elementos que possam surgir e estratégias para a solução dos conflitos existentes.

O tratamento do tema em questão proporcionou um espaço de reflexão sobre questões de disciplina e indisciplina, favorecendo lições que possam vir a ser proveitosa nas atitudes a tomar como educadoras.

Muitos dos conflitos que hoje se manifestam nas nossas escolas podem ter origem no modelo de pedagogia coletiva, que ainda persiste, baseado no princípio de “ensinar a muitos como se fossem um só”. O professor tem dificuldade em gerir a heterogeneidade dos alunos, respeitando as suas diferenças ou praticando um ensino individualizado.

Mas o lugar central cabe na formação dos professores. Onde deverão surgir novas práticas que ajude os professores a lidar com a heterogeneidade. Formação que proporcione alteração dos modos de organização pedagógica que, ainda não seja suficiente para resolver todos os conflitos, mas possa contribuir “para tornar a Escola um lugar de vida e de aprendizagem mais interessante e produtiva e fazer redescobrir o prazer de se gostar dela” (Barroso, 1995, p. 96). Formação que os prepare para uma Escola com as difíceis e desafiantes exigências culturais, sociais e educativas dos tempos que correm (Gonçalves, 1995).

No que se refere à disciplina, a escola terá que ser um espaço onde se cultiva o espírito humanista, a tolerância ideológica, e um espírito de cidadania.

---

A grande constatação ou a dosagem errada de um destes ingredientes, gera um desequilíbrio completo e total nas relações intrapessoais, causando desentendimento, conflitos com, agressões, sendo muitas vezes o fator causador de tantas violências e incompreensões tentar impor limites através da lei do mais forte, sob ameaças, agressões ou chantagens um grande erro que muitos adultos cometem freqüentemente, pois se tornam uns desrespeitos aos direitos do indivíduo.

O fator primordial e imperativo para obtenção de equilíbrio entre o amor e limites é o respeito. O respeito é essencial para o estabelecimento de qualquer relacionamento entre os seres humanos, pois proporciona uma relação de confiança e reciprocidade de sentimento. Crianças primam por serem respeitadas e para isso precisam ter em mente até onde vai o direito de um, e onde começa o direito de outro para não invadir espaço pois é necessário.

Uma criança que se sente desrespeitada, humilhada e subjugada por um adulto já mais vai respeitar, valorizar ou obedecer de livre e espontânea vontade a este adulto para não invadir o espaço alheio, pois é necessário respeitar as características individuais de cada ser humano, tornando-o sujeitos de suas nações e responsáveis por suas atitudes.

Já uma criança que é tratada com carinho, amor e respeito, normalmente vão admirar valorizar, respeitar e ter prazer em seguir suas orientações, se sentindo segura e amparada com os limites que lhe estão sendo estabelecidas. O grande problema dos pais e educadores é encontrar a dosagem certa do amor e respeito no estabelecimento do limite.

As crianças são espertas e como se diz “testam os adultos.” Onde não sentem firmeza nas atitudes, logo percebem uma chance de não obediência, desrespeito e desconsideração utilizando muitas vezes a chantagem emocional ou em troca de favores para atingir seus objetivos.

Os dados apresentados e analisados a seguir fazem parte das observações sobre as formas de relação professor-aluno e do questionário aplicados aos alunos, pais e professores do colégio Estadual Jardim Europa. A análise dos dados, neste momento, será feita sobre as observações no Colégio. Posteriormente, serão apresentados os dados coletado dos questionários aplicados aos alunos, professores e pais do Colégio.

### **3. Da entrevista dos alunos pode-se constatar que:**

Dos cento e setenta alunos entrevistados, entre onze e doze anos, cento e cinquenta e seis alunos disseram que seus pais são bons e amáveis cento e quatro acham que seus pais são severos nas decisões que tomam. Cento e quatro alunos afirmam que seus pais são severos; cento e trinta e nove alunos dizem que hoje tem falta de limites, respeitos em casa e na escola, noventa alunos gostariam que seus pais fossem mais rígidos com eles nas horas certas e setenta e seis alunos disseram que não querem pais rígidos, cento e quarenta e um alunos dizem que não sabem o que fazem, oito alunos acham bonito desobedecer e dezesseis alunos querem fazer desaforo aos seus pais. Cem alunos dizem que esta certo os pais dizerem não a um pedido que lhes fazem, vinte dois choram e doze batem os pés; setenta e três alunos gostam que seus professores corrijam na hora certa, sessenta e quatro dizem que seus professores são amáveis, onze gostam que seus professores sejam justos. Noventa e oito alunos afirmam que as mudanças do mundo hoje atingem diretamente a família e os desestrutura emocionalmente. Cento e vinte sete alunos dizem que precisam de responsabilidade para se firmar na prática dos deveres.

Os conflitos entre os adolescentes existem porque setenta e quatro adolescentes acham que podem desobedecer e fazer o que bem entendem, pois os pais dão apoio. Cinquenta e cinco alunos dizem que falta responsabilidade. Vinte cinco dizem ser impaciente. Oitenta e nove alunos dizem que seus pais comparecem a escola sempre que necessário. Quarenta e oito vão sempre sem serem chamados e acompanham seus filhos no que é necessário, e vinte sete alunos disseram que seus pais nunca vão a escolas nem quando são chamados por atos indisciplinados praticados por eles. E seis alunos não responderam. Cento e um alunos disseram que para melhorar a falta de limites precisam respeitar os pais e professores, sessenta e nove disseram que precisam ouvir pais e professores.

A relação com a família é boa, pois cento e trinta seis alunos confirmaram estarem bem com a família. Catorze disseram que a relação com seus pais é ruim e onze não ligam por nada. Cinquenta e seis alunos disseram que educar é impor limites, trinta e oito acham que não precisam de nada por isso não responderam e cinco alunos acham precisam dialogar junto com seus pais, vinte e nove alunos

estão vendo bons programas que ajuda resolver muitas situações possíveis e impossíveis. Setenta e dois alunos confirmam que limite é ter segurança com suas famílias, vinte nove alunos acham que limite é fazer tudo o que podem e o que querem cinquenta e oito precisa ouvir a voz de alguém. Viver com disciplina, oitenta alunos disseram que é viver com sintonia entre liberdade e responsabilidade, cinquenta e um alunos responderam que disciplina é conhecer-se melhor, três acham que são imaturos e trinta e dois alunos disseram ser indisciplinados.

Das respostas recolhidas pode-se interpretar que há indisciplina na escola e que os alunos reconhecem a sua existência, mas acham que podem melhorar com a ajuda da família e dos professores.

Muita situação de indisciplina que ocorre dentro da sala de aula deve-se a atos de recusa e desobediência em face da ordem dada pelo professor (situações que tem aumentado em grande número), apesar de um bom número de alunos indicarem que respeitam os professores e que lhes reconhecem como autoridade mais próxima.

Eles têm consciência que perturbam as aulas e que por tal fato devem ser corrigidos. Tentam melhorar mas encontram dificuldades. Em casa estes alunos não contam o que fazem no recinto escolar, havendo pouco diálogo entre pais e filhos sobre a escola.

Deste modo o principal objetivo dos pais e encarregados de educação é que os seus educandos passem de ano. A aprendizagem dos conteúdos fica para segundo plano, e em geral não estabelecem metas que os seus filhos devem atingir (se tornando pouco exigente). Este procedimento leva a que os alunos mais desinteressados da escola mantenham os seus pais numa perspectiva de possível aprovação até o final do ano. Muitos acabam por conseguir passar de ano, estes alunos sentem que não haver há necessidade de se aplicar nos estudos – e a falta de ocupação mental nos conteúdos liberta tempo e disponibilidade para participar em atitudes incorretas.

Será possível resolver a questão da indisciplina na escola?

Em primeiro lugar há que considerar todo um contexto social – local regional ou até nacional. Basta ler jornal ou ver televisão para constatar um aumento geral de indisciplina, e que o que agora é corrente seria considerado excessivo há uma década atrás.

A indisciplina identificada é reportada predominantemente com alunos mais novos e é em geral aceita num contexto de brincadeira.

Das informações recolhidas foi possível detectar razões sociais como: ambientes familiares complicados, famílias não estruturadas, efeitos de álcool ou outra substância química.

Para os alunos indisciplinados seria importante existir um modo de libertação de energia – o cansar o corpo para manter o espírito “limpo” de idéias ou atitudes menos corretas.

Assim as turmas de 5ª séries do turno vespertino alunos considerados problemáticos deveriam ter aulas práticas e serem incentivados a participar nas atividades de esportes, danças, xadrez, damas...

### **3.1- Da entrevista dos professores pode-se constatar que:**

Métodos de ensino, recursos didáticos, técnicas de comunicação adequadas às características da turma ou de cada aluno, fazem parte de um vasto leque de causas que podem conduzir a uma deficiente relação pedagógica e influencia negativamente os resultados.

A gestão da disciplina na sala de aula é outro fator que condiciona bastante o rendimento escolar dos alunos. Mas estamos longe de poder afirmar que uma aula disciplinada, seja aquela onde o insucesso escolar desapareça.

Os professores no início do ano criam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos que acabam por influenciar o seu desenvolvimento escolar. Embora não seja os professores a inventar os bons e os maus alunos, as investigações de Rosenthal e Jacobson, mostraram que os preconceitos destes são muitas vezes inconscientes, prejudicando os alunos sem que os professores se apercebam.

Existe na cabeça dos professores, um padrão de avaliação que tende a coincidir com uma curva normal. Assim, na avaliação que produzem, partem em geral do pressuposto que apenas alguns são bons, a maioria é média, e proporcionalmente ao número dos primeiros, existem uns quantos que são mesmo maus e tem que ser eliminados.

Foi elaborado um projeto que se chama “A escola sem recreio”, onde incluiu os pais, alunos, professores e comunidade em geral para as discussões que pretendia conscientizar.

Os alunos para aqueles que não paravam em sala de aula, discutiam com os professores, não respeitavam seus pais, não tem limites, o respeito, com isso resgatar os valores éticos e morais nas relações interpessoais entre alunos e professores, para um ensino mais qualificado e produtivo. Este projeto prevê reuniões com professores, entrevistas com os pais dos alunos mais problemáticos, direitos e deveres na família e na escola escolha de líderes. Os resultados esperados é a conscientização dos alunos e das responsabilidades em sala de aula quanto a limites, normas e regras e ao uso da sua liberdade.

A elaboração de regras de convivência em sala de aula foi bastante difícil. Foi necessária uma reflexão sobre a situação que a turma enfrentava e uma retomada da elaboração das regras, que pode então ser concluído. Tendo em vista a dificuldade de trabalhar com todas as turmas, um grupo de alunos se manifestou interessados em fazer trabalhos de grupos para não se sentir prejudicados com as injustiças, quando todos pagam pelos erros de alguns, a indisciplina de uns que impedem que outros trabalhem, os professores “bonzinhos” que deixam a turma fazer “bagunça”. Disseram preferir os professores mais rígidos que cobram disciplina e trabalhos porque aprendem mais, e chegaram a conclusão que poderiam ajudar os alunos indisciplinados cobrando a disciplina a observação das regras instituídas em sala de aula, e ajudando nos deveres que não conseguiam fazer.

As reuniões com os professores revelaram problemas com a turma, como a agressividade e indisciplina que dificulta o trabalho pedagógico e com a equipe diretiva, em relação à comunicação e dificuldades nos relacionamentos interpessoais e o mau clima organizacional. Também se referiram às confusões geradas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Foi realizada palestra por um funcionário da Promotoria da Criança e do Adolescente. Trouxe esclarecimento sobre os temas Estatuto da Criança e do Adolescente, autoridade do professor em sala de aula, procedimentos e aspectos legais em relação à indisciplina e em casos mais graves como o desacato a autoridade, lesões corporais, danos morais e danos ao patrimônio, bem como porte de armas e distribuição de drogas.

As entrevistas com os pais revelaram desorientação no desempenho do papel de pais e direitos e deveres dos filhos. Não sabiam como agir para estabelecer limites e controlar a indisciplina. Também citaram problemas familiares graves. Houve um trabalho de esclarecimentos sobre educação familiar. Constatou-se que nestas turmas os 2 principais alunos-problemas em relação à indisciplina, têm desajustes familiares, e que os problemas de indisciplina na escola começaram quando instalaram-se os problemas familiares.

A indisciplina aparece como um problema real e de difícil solução. Provavelmente esta dificuldade esteja ligada às suas múltiplas causas, nem sempre diagnosticada de maneira correta, ou negada por uma questão de conveniência. A queixa principal do Colégio cuja experiência foi relatada é a indisciplina das turmas de quintas séries que estaria dificultando o trabalho pedagógico e favorecendo o fracasso escolar. É descrita pelos professores como falta de limites dos alunos, o não saber ouvir, dificuldade de manterem-se em silêncio enquanto o professor explica o conteúdo, conversas paralelas, agressividade entre eles mesmos, falta de atenção, brincadeiras em sala de aula, "bagunça", passeio pela sala, dificuldade de trabalho em grupo, descompromisso com o material escolar, desrespeito para com professores, colegas, desrespeito às normas do colégio.

Evidenciou-se a indisciplina como falta de limites, conforme cita Rego (1996), que estaria relacionada aquele que não respeita a opinião e sentimentos alheios e dificuldades em entender o ponto de vista do outro, não dialoga e não sabe conviver de modo cooperativo.

Aquino (2000) identifica o aluno-problema "sem limites", que obstrui o trabalho pedagógico e tem como consequência o fracasso-escolar, o que é confirmado pelo último conselho de classe, em que alguns alunos das turmas foram mal nas avaliações. Este aluno não reconhece a autoridade, não respeita regras e teria como causa a permissividade dos pais.

Rego (1996), baseado no referencial teórico de Vygotsky, em sua abordagem sócio-interacionista ou sócio-histórica, aborda que os processos psicológicos complexos se originam nas relações entre indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento. Presume-se que um comportamento mais ou menos

indisciplinado de uma pessoa dependerá de suas experiências, de sua história educativa que sempre terá relações familiares no desenvolvimento humano.

É possível, portanto, partindo deste referencial, que os estilos educativos dos pais tenham grande influência na indisciplina escolar, o que corrobora a afirmação de Aquino (2000), da permissividade dos pais como causa da indisciplina. Além disto, conforme Baumrind (apud Predebon, 2005), o estilo educativo permissivo inclui pais tolerantes, pouco autoritários, que utilizam um mínimo de punição, exigem pouco em termos de comportamentos maduros, não estabelecem limites ou parâmetros. E, ainda, Moreno e Cúbero (1995). Citado por Rego (1996), se reporta às conseqüências do estilo educativo permissivo, em que os filhos, apesar de mais alegres e dispostos, mostram-se impulsivos, imaturos e dificuldades para assumir responsabilidades. Em relação à permissividade, as entrevistas com os pais mostraram que utilizam este modelo educativo permissivo referindo-se que estão confusos e não sabem o que fazer em relação à sua educação, pois não conseguem controlá-los. (Relato da professora de Português da 5ª série D, período Vespertino) Isto também se repete na escola, em sala de aula, quando os professores permitem que os alunos sejam indisciplinados, com posturas impulsivas e imaturas, irresponsáveis em seus deveres, desrespeitosos em relação a eles, os professores e aos colegas. ( Palavras da coordenação Pedagógica do período vespertino do Colégio Estadual Jardim Europa)

Como pais permissivos pouco impõem regras nem fazem poucas exigências, e o estilo permissivo favorece comportamentos imaturos e impulsivos com dificuldades de assumir responsabilidades, pode-se supor também que estes jovens indisciplinados apresentem uma falha no desenvolvimento moral, conforme postula Aquino (2000), Longarezi (2003) e Araújo (1996).

Aquino (2000) afirma que se o aluno não teve uma estruturação psicológica moral estabelecida na família, provavelmente não terá uma infra-estrutura moral para o trabalho pedagógico Longarezi (2003) refere-se que a ausência de uma estrutura psicológica moral torna o jovem despreparado para o convívio em diferentes ambientes sociais e que seu desenvolvimento moral geralmente apresenta comportamentos inadequados, muitas vezes julgados como indisciplinados.

Araújo (1996, p. 11) parte do referencial teórico de Piaget (1977) para quem “toda moral consiste num, sistema de regras, e a essência de toda a moralidade deve ser procurada no respeito que o individuo adquire por elas”. Permite vincular regra e moral e dá importância ao respeito às regras para o desenvolvimento moral, a partir de sua interação com o mundo, basicamente a família. Esta propicia que a criança ao nascer em estado de anomia, possa se desenvolver para uma heterônoma, através da imposição de regras, pela moral de coação, que é aceita em função do respeito unilateral, para posteriormente desenvolver o respeito mútuo e em relação de cooperação e reciprocidade com seus iguais, ou percebido como iguais, chegar a autonomia moral.

Mas, deixando os alunos “livres” para decidir de acordo com as suas idéias, como se não vivessem em sociedade eles ficam mais próximos da anomia, de ausência de regras, em que o sujeito quer fazer o que deseja, sem levar em consideração aos outros e a sociedade.

A indisciplina, neste Colégio, embora nestas turmas pareça estar mais relacionada aos alunos em suas características, também se pode inferir que o professor tem seu papel em sala de aula. No exercício de sua autoridade e como comunicador do conhecimento também deve assumir sua responsabilidade de fazer com que a turma se desenvolva e caminhe em direção a uma autonomia. Através das interações neste

#### **IV- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

No decorrer desta pesquisa, procura-se estabelecer as possíveis implicações da indisciplina escolar, entendendo que esta concepção está incluída na perspectiva moral e institucional. Considero o desenvolvimento moral do ser humano a partir de situações harmoniosas ou na mediação dos conflitos.

Ao considerar as perspectivas institucionais como vertente explicativa, analisei papéis institucionais do aluno e do professor, responsáveis por desenvolver papéis de acordo com o lugar institucional que ocupam. Assim, antes de atitudes individuais serem consideradas pessoais, são institucionais.

A indisciplina escolar e suas implicações podem ser constatadas em diferentes situações observadas na escola, e pude fazer a seguinte análise: na

escola as regras são postas pelo Regimento Escolar aprovado em assembléia com todos os pais e alunos maiores de dezesseis anos, portanto os alunos participaram da discussão e são conhecedores das mesmas, mas não as cumprem na integra.

A necessidade de exercer a autoridade e o perigo da total ausência de disciplina é discutida por diferentes autores como De La Taille (1996), Macedo (1996), Vinha (2003), Lepre (1999), Piaget (1994), entre outros. Segundo os autores, com os quais concordo, as regras na escola são necessárias para que se possa desenvolver uma proposta pedagógica eficaz.

A perspectiva institucional nos indicará que na constituição de toda instituição é concreta a existência de práticas que se repetem e se legitimam sendo, segundo Aquino (1996), “um continente de relações sociais específicas, sempre em confronto pela apropriação de um objeto”, que é no caso da educação escolar, o conhecimento.

A autonomia, que tanto desejamos que nossos alunos adquiram, só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado.

Constatei também como a família deixa a desejar em relação aos filhos, pais que não pensam na responsabilidade de educar e formar cidadãos conscientes. A desculpa de trabalho os filhos ficam um tanto abandonado diante das circunstâncias perversas atuais.

Não é somente a educação escolar, porém, responsável pela educação e, portanto, a família a responsável direta por esta disciplina, a sociedade também se manifesta de forma ativa o seu compromisso em educar para a vida estes sujeitos.

Podemos aprofundar estudos a partir do que Araújo (1996) expõe, sobre a moralidade e o “respeito unilateral invertido”, na tentativa de construção de ambientes que negam o autoritarismo.

A escola pode não atender às expectativas criadas pelos alunos ou por seus pais quanto ao seu poder transformador da realidade social e, ao mesmo tempo, não demonstra através das ações do professor, acreditar neste poder. Porque hoje as escolas estão com seus quadros de professores, alguns deles já desta geração onde tudo pode e deve ser feito.

O desafio lançado na escola parece ser o de descobrir formas de relacionamento com os alunos para criar novos significados no universo destes, através de uma (re) construção da identidade escolar que atenda às expectativas dos alunos e dos pais e, ao mesmo tempo, cumpra seu papel social de disseminadora de conhecimentos científicos construídos pela humanidade.

A perspectiva moral compreende os indivíduos envolvidos na relação professor-aluno como seres em desenvolvimento, como pessoas que se interagem numa relação humana, social. A perspectiva institucional compreende os indivíduos envolvidos na relação professor-aluno como atores institucionais em que não se desvinculam os papéis de professor e de aluno.

De acordo com o enfoque dado pela perspectiva moral, o distanciamento profundo entre professor e aluno não é benéfico, pois a interação entre adulto e criança deve privilegiar a solidariedade, a cooperação, a troca. O professor coloca-se como detentor do saber científico através da manipulação dos conteúdos, da transmissão pacífica dos conteúdos e da moral, através da determinação do que é correto, do que é justo. Quando a igualdade do grupo é resultado de respeito da criança com o adulto, cria-se uma dependência maior do que se possa parecer, segundo Piaget (1998), em que “a estrutura do grupo é, na verdade, mais dependente da autoridade do que parceria”.

Concluindo, do ponto de vista moral, a indisciplina e a relação professor-aluno são indissociáveis posto que é na relação pessoal que nos desenvolvemos moralmente. Dependendo da forma como se desenvolve essa relação, podemos obter comportamentos desejados através de ações de cooperação, solidariedade, reflexões sobre situações conflitantes para a formação do conceito de justiça. Portanto, está clara a existência de ligações entre a indisciplina e as relações interpessoais.

A escola tem um papel fundamental na indisciplina de seus alunos, com a relação professor e aluno, mas hoje a escola exclui, marginaliza, não acredita no potencial do seu aluno e não cumpre o seu papel. Fica claro para nós que a escola não pode ser responsabilizada por tudo, mas tem sim um papel importante neste fenômeno.

Na busca de pesquisar a prática de valores humanos dentro das instituições escolares e constatar que pouco se pratica esses valores, que é de fundamental importância que pais e professores comecem a ter consciência de

que tipos de pessoas querem formar do contrário teremos um desgosto em ver uma geração sem valores a qual já vem se mostrando.

Na escola onde foi realizada a presente pesquisa percebeu-se que essa falta de valores está contida na falência da família, e se prolonga no espaço escolar como pedido de ajuda e os professores não são preparados para tal ajuda. Portanto levando-se em consideração todo o material colhido e analisado sugere-se que, para haver uma educação integral (físico, cognitivo e espiritual, o homem como um todo), que os valores sejam despertados através das práticas de quem os educa, para que possamos ter, num futuro próximo, a consciência de estar educando homens de bom caráter e não apenas homens de sucesso. Para que se possa cobrar um mundo melhor, precisamos ter consciência de que estamos nos comportando também como homens de bens.

## V - REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

GUIMARÃES, M. Indisciplina e Violência: ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio R> G> (Org.). Indisciplina na escola: alternativas Teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

----- Valores na escola. Educação e Pesquisa São Paulo, v.28,n.1, janeiro/junho 2002. Disponível em: <[HTTP://www.scielo, br/](http://www.scielo.br/)> Acesso em 07 set.2008.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. Trad. Élon Lenardon. 2 ed. São Paulo: Summus, 1932/1994.

AQUINO, Julio R. Groppa. A desordem na relação professor- aluno: indiscipline, moralidade e conhecimento. In:

----- Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.. [HTTP://www.centrorefeducacional.com.br/monojoana3.htm](http://www.centrorefeducacional.com.br/monojoana3.htm)

arttext Candombá – Revista Virtual, v. 2, n. 1, p.

ANTUNES, C. Professor bonzinho= aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ. Vozes, 2002<sup>a</sup>.

GÓMEZ, A. I. Compreender e Transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ESPINOSA, A. Pedra Lúcia. A Importância dos Limites na Educação. 8º semestre do

Curso de Pedagogia da F. de Ciências e Letras de Osório/RS.

----- . Projeto Político Pedagógico. Colégio Estadual Jardim Europa.

----- . Carta Magna do Brasil. Capítulo VII, artigo 227.

----- . Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Brasil.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. MEC

JOVEM, Mundo. Um Jornal de Idéias. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 1999-2005.

AEC, Revista de Educação. A Imagem Social do Professor, ano 21, nº 85, 1992.